

**O ENIGMA DE VIOLETA H:
QUESTÕES DE IDENTIDADE
E SEXUALIDADE NA
LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA**

*THE ENIGMA OF VIOLET
H: ISSUES OF IDENTITY
AND SEXUALITY IN
CONTEMPORARY BRAZILIAN
LITERATURE*

**Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)¹
Julianna Alves Bahia²**

1 Doutor em Estudos Literários pelo PPGEL/ UNEMAT, Campus de Tangará da Serra. Professor Adjunto da UNEMAT, Docente Permanente do PPGLetras/ UNEMAT. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

2 Mestranda do PPGLetras/ UNEMAT - Sinop. Professora efetiva da Educação básica do estado de Mato Grosso. E-mail: julianna.bahia@unemat.br

RESUMO: Este trabalho objetiva, a partir da análise da narrativa “O enigma de Violeta H”, conto que compõe a obra *Buquê de Línguas* da escritora Tereza Albues, demonstrar como a literatura também pode ser um suporte interessante para proporcionar momentos de reflexão a respeito de problemáticas relacionadas a identidade sexual, posto que estas, permeiam a realidade de muitos jovens. Para a concretização da pesquisa elencou-se como aporte teórico os estudos de Candido (1976, 2002 e 2011) e Todorov (2009) acerca das reflexões sobre a importância da literatura na formação do sujeito; de Stuart Hall (2006) e Le Goff (2003) sobre questões que envolvem a formação identitária e de Michel Foucault (1988) que abordam a sexualidade. A autora se utilizou de um cenário familiar, comum em nossa sociedade, para colocar em discussão um assunto tão debatido atualmente, mas, infelizmente, ainda pouco tolerado e pouco respeitado por alguns. A fim de demonstrar como os conflitos de identidade sexual de uma jovem podem interferir na sua vida como um todo, a obra discute temáticas como preconceito, *bullying* e o medo do desconhecido. Através das dificuldades pelas quais a menina Violeta passa na escola, por se sentir diferente, por não se identificar com as colegas, resultando em um isolamento social, é possível utilizar o texto literário como um meio para debater questões sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Tereza Albues, Sexualidade. Identidade. Literatura. Humanidade.

ABSTRACT: This work aims, from the analysis of the narrative “O enigma de Violeta H”, a short story that composes the work “*Buquê de Línguas*” by the writer Tereza Albues, to show how literature can also be an interesting support to provide moments of reflection on issues related to sexual identity, since these permeate the reality of many young people. To carry out the research, the studies of Candido (1976, 2002 and 2011) and Todorov (2009) on the theoretical reflections on the importance of literature in the formation of the subject were listed as theoretical contributions; by Stuart Hall (2006) and Le Goff (2003) on issues involving identity formation and by Michel Foucault (1988) that address

sexuality. The author used a familiar scenario, common in our society, to discuss an issue so debated today, but, unfortunately, still little tolerated and little respected by some. In order to demonstrate how a young woman's sexual identity conflicts can interfere with her life as a whole, the work discusses issues such as prejudice, bullying and the fear of the unknown. Through the difficulties that the girl Violeta goes through at school, for feeling different, for not identifying with her colleagues, resulting in social isolation, it is possible to use the literary text as a means to debate social issues.

KEYWORDS: Tereza Albues, Sexuality. Identity. Literature. Humanity.

O objetivo precípua deste texto é refletir sobre como a literatura também pode ser um suporte interessante para proporcionar momentos de reflexão a respeito de problemáticas relacionadas à identidade sexual, posto que estas permeiam a realidade de muitos jovens. Para tanto, elegemos como corpus de análise o conto “O enigma de Violeta H”, que compõe a coletânea *Buquê de Línguas*, da escritora mato-grossense Tereza Albues.

Tereza Albues, descrita por Nelly Novaes Coelho (2002, p. 614) como “escritora em tom maior”, nasceu em Várzea Grande, no estado de Mato Grosso, de família pobre, teve uma infância sofrida. Apesar das adversidades, desde criança gostava muito de ler, esse hábito contribuiu bastante para ajudá-la a superar as dificuldades por meio dos estudos, o que a empodera na luta contra o patriarcalismo estrutural e imposto às mulheres, conforme a própria autora afirma no seu romance, caracterizado por Magalhães (2001) como místico-autobiográfico, *O berro do cordeiro em Nova York*.

Não foi difícil concluir que o estudo era a minha arma, só através dele eu me distanciaria da opressão daquelas mulheres, haveria de conseguir respeito, admiração e liberdade pra fazer o que quisesse, dispunha de um trunfo poderoso nas mãos. Eu tinha apenas oito anos, o amadurecimento madrugando com a visita da dor antecipada, me fazendo crescer anteriormente [...]. (ALBUES, 1995, p. 54)

Após muitas atribulações passadas com sua família, Tereza Albues foi morar no Rio de Janeiro, onde cursou as faculdades de Letras, Direito e Jornalismo. Anos mais tarde, na década de 80, muda-se para os Estados Unidos, onde produziu todas as suas obras, os romances *Pedra canga* (1987), *Chapada da Palma Roxa* (1991), *Travessia dos sempre vivos* (1993), *O berro do cordeiro em Nova York* (1995) e *A dança do Jaguar* (2000), além do livro de contos *Buquê de Línguas* (2008).

De maneira geral, as obras da escritora mato-grossense são compostas por narrativas envolventes, cheias de mistérios, elementos fantásticos, sobrenaturais e intrigantes, além da presença de um forte regionalismo mágico, como reforça a estudiosa Lucinda Persona (2008, p.10) a respeito das obras de Albues, “O mundo real abre passagem para o mundo mágico e vice-versa, através de um mecanismo próprio e indecifrável para o qual estabelecemos indagações.” Outra característica marcante na obra albuesana é o misticismo, o espiritualismo, a busca por um autoconhecimento. De acordo com a pesquisadora Hilda Magalhães (2001), esse era um estilo literário recorrente nas décadas de 1980 e 1990, por influência das novas tendências da época, como a valorização de diferentes religiões, o sincretismo religioso e do místico-esotérico. No conjunto de sua produção literária, Tereza Albues enfatiza a busca pelo autoconhecimento, pelo conhecimento metafísico, que se apresentam por intermédio de personagens que se lançam em uma odisseia e peregrinam em “[...] busca do eu essencial, a ser descoberto como parte integrante do outro ou do cosmo” (COELHO, 2002, p. 615).

A literatura brasileira produzida em Mato Grosso solidifica-se de fato no início do século XX e no início do século XXI percebe-se a valorização da crítica acadêmica a essa produção. De acordo com a estudiosa Hilda Magalhães, nos séculos XVIII e XIX o teatro era uma tendência forte, sendo a grande representação artística-literária da época. Mas, apesar da dificuldade de se encontrar registros da produção literária no referido estado, ainda é possível ter contato com algumas obras que trazem informações de extrema relevância para se fazer um panorama da literatura mato-grossense.

O grande pioneiro, responsável pela primeira obra que apresenta um detalhado trabalho desses registros, foi Rubens de Mendonça, na obra intitulada *História da literatura mato-grossense* (2015). No livro em questão, o historiador, pesquisador e crítico literário traz um manual completo a respeito das produções literárias da região central do Brasil, desde o século XVIII, em que é possível encontrar dados importantes para entender muito do que se é produzido atualmente. Nesse sentido, é notória a significância do trabalho feito por Rubens de Mendonça, visto que têm sido um material de referência obrigatória, constantemente consultado por estudiosos da literatura produzida em Mato Grosso.

Nessa mesma perspectiva, pode-se citar duas obras da pesquisadora Hilda Magalhães. *História da literatura em Mato Grosso – século XX* (2001) e *Literatura e poder em Mato Grosso* (2002). Essas obras oferecem informações e dados que contribuem e reforçam a importância dos precursores nas produções literárias em Mato Grosso. Em ambas, encontram-se não só dados já mencionados por Rubens de Mendonça, mas também fatos novos referentes ao que foi produzido a partir do século XX.

Na primeira delas, Hilda Magalhães faz um exaustivo e detalhado trabalho com levantamento bibliográfico da produção literária dos anos 30 aos 90 do século XX, entre prosa e a poesia, citando nomes de escritores que fizeram parte do início da literatura mato-grossense, como o próprio Rubens Mendonça e Lenine Póvoas. A estudiosa cita também pequenas produções em jornais e revistas da época, que segundo ela foram relevantes para a propagação da literatura numa época em que a edição de livros não era tão comum.

Na segunda obra, Magalhães apresenta um panorama a respeito das relações de poder registradas nas obras produzidas em Mato Grosso. A pesquisadora não deixa de mencionar as produções conservadoras de Dom Aquino e de José de Mesquita, a poesia de Indalécio Leite e também as críticas sociais feitas por Lobivar de Matos, considerado por ela como um dos grandes nomes dessa época, caracterizado como a voz das minorias. Um outro nome que ganha destaque é Ricardo Guilherme Dicke, com “Madona dos Páramos”, romance que traz consigo os problemas advindos com

a migração de pessoas para a colonização do estado. Dom Pedro Casaldáliga, o poeta que escreveu sobre a política de dominação, foi lembrado na obra de Magalhães.

Hilda Magalhães também menciona escritoras que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento da literatura em nosso estado. Marilza Ribeiro é uma delas, a poeta que escrevia sobre as dificuldades das minorias, dos menores abandonados, dos trabalhadores braçais e das mulheres. Tem-se, também, a importante referência ao romance *O berro do cordeiro em Nova Iorque*, de Tereza Albues. A pesquisadora afirma que a obra de Albues traz graves e importantes denúncias sobre a política do aviamento, prática tão comum na época da colonização do estado.

Em *Presença de mulher* (2004), por sua vez, Yasmin Jamil Nadaf faz um estudo sobre a mulher e a literatura em Mato Grosso. A estudiosa destaca a contribuição das mulheres na literatura produzida em nosso estado entre os séculos XIX e XX. A pesquisadora cita nomes como Maria do Carmo de Mello Rego e Júlia Lopes, que, segundo Nadaf, foram fundamentais para o reconhecimento do papel das mulheres na consolidação da produção literária em espaço mato-grossense. Nadaf salienta que, apesar de sofrerem muitas críticas e de enfrentarem muitos obstáculos, elas se constituíram os pilares essenciais para as escritoras da atualidade.

Nessa obra, Yasmin Nadaf também referencia as obras de Tereza Albues, faz um breve resumo do enredo de quatro das seis obras publicadas pela autora, objeto de nosso estudo, destacando que as personagens das histórias de Albues representam as vozes da própria autora, suas aflições e conflitos.

Não se pode negar a relação implícita existente entre a Literatura e História, pois como afirma Candido (1976, p. 4), “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” Nesse sentido é importante mediar as obras literárias e as fontes históricas para que haja uma sequência lógica e uma encadeação de fatos com o objetivo de tornar-se verdadeiro.

Candido define Literatura como toda criação “de toque

poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. (2011, p. 242). Sendo assim a Literatura se manifesta em toda a humanidade, é algo universal, uma necessidade do espírito do homem e, portanto, é um bem inalienável. A Literatura em uma sociedade desenvolve um papel formador, um instrumento poderoso de educação, mas é preciso lembrar que a Literatura tem natureza complexa e pode assumir um lado negativo nesse papel, visto que trabalha o psíquico. A Literatura nos dá autonomia para construir estruturas e significados, nos permite expressar sentimentos e emoções e aguça a visão de mundo tanto quanto nos fornece conhecimentos.

Ainda na perspectiva do crítico literário, a Literatura cumpre ainda um papel social, pois, muitos autores expuseram em suas obras os problemas sociais existentes, conferindo às minorias o reconhecimento de direitos ditos iguais a todos, mas que a essa grande minoria de negros, pobres, índios, etc., fora negado ao longo do tempo e da História.

“O enigma de Violeta H.” é um conto envolvente, que prende e nos faz pensar sobre as questões de gênero, temática central discutida na narrativa. A autora se utilizou de um cenário familiar, comum em nossa sociedade, para colocar em discussão um assunto muito debatido atualmente, mas, infelizmente, ainda pouco tolerado e respeitado por alguns. A obra de Albuês reafirma a necessidade de se colocar em pauta uma problemática vivenciada nas escolas de educação básica, visto que as questões de gênero, vivenciada pela protagonista do conto, é também algo comum entre os jovens da mesma idade de Violeta.

A experiência vivenciada pela protagonista do conto pode representar a realidade de vários adolescentes, posto que muitos jovens sofrem com problemas relacionados à sexualidade e podem carregar consigo uma crise de identidade, por não se encaixarem nos padrões estabelecidos e determinados por uma sociedade machista e patriarcal, hegemonicamente heterossexual. De acordo com Le Goff (1990), a busca pela “identidade” é uma das atividades essenciais das pessoas e das sociedades hodiernamente. Ainda sobre essa questão da identidade em construção, em constante mudança,

Stuart Hall (2006) afirma que é algo totalmente aceitável, visto que o mundo sofreu inúmeras mudanças nas áreas econômicas, política e social, e tudo isso, conseqüentemente, afetaria o homem e a construção da sua identidade. Seria, pois, impossível não perceber, sentir essa influência porque

[...] um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Além do enfrentamento de tantos medos e conflitos internos, por não entender ao certo a sua genitália ambígua, por não saber bem as suas preferências sexuais, Violeta H. ainda tinha que conviver com piadas preconceituosas de cunho homofóbico, comentários maldosos e situações constrangedoras ao longo da vida:

O dia em que as colegas de Violeta H., já com 12 anos, começaram a criticar seus modos e vestuários; cabelos curtos, nenhuma pintura, gestos bruscos; usava sempre calças compridas, camisetas de malhas escuras, sapatos pesados. Não se interessava por festinhas, assuntos de modas, namoricos, conversas sobre garotos da escola. Começaram a isolá-la, desconfiavam de sua aparência e natureza. Será que é lésbica? Os comentários aumentaram, piadas, indiretas agressivas; H. não é sobrenome, deve ser disfarce: H = Homem; grafites no quadro-negro, risadas, cochichos à sua passagem (ALBUES, 2008, p. 57-58).

Na narrativa, a menina Violeta prefere o isolamento, esconder-se dos colegas da classe, refugiando-se na biblioteca, preferindo não manter contato com os outros, a fim de evitar comentários e deboches a respeito do seu jeito de se vestir, de se

portar, de ser. Situações como essas podem ser encontradas nas escolas, adolescentes são recriminados, são motivos de brincadeiras inconvenientes, submetidos a momentos de humilhação por seus trejeitos no falar, andar ou agir, fazendo com que o isolamento social e a fuga pareçam ser a melhor e única opção para se viver em paz, sem grandes constrangimentos:

Violeta já não podia assistir as aulas em paz. Evitava os intervalos, refugava-se na biblioteca, só saindo para entrar diretamente na sala de aula e, assim que a aula terminava, apanhava a mochila e saía porta afora, o mais rápido que podia (ALBUES, 2008, p. 58).

Diante do exposto, percebe-se a possibilidade de se utilizar um texto literário para debater questões de relevância social, como o caso da intersexualidade e/ou homossexualidade de Violeta H. O conto narra uma situação que inúmeros estudantes podem se identificar, e dessa maneira abrir caminho para usar a temática abordada e levar os leitores a refletirem sobre o assunto. Não só aquele que vive os mesmos conflitos que a protagonista, mas também aquele que está do outro lado, que faz ou fez algum tipo de comentário maldoso, que pudesse ferir alguém. Dessa maneira, vendo e sentindo a dor do outro, percebendo que uma brincadeira pode machucar tanto e que alguns comportamentos precisam e podem ser mudados.

Partindo desse pressuposto, convém destacar as diversas funções da literatura, o crítico literário Antonio Candido assevera que a obra literária “[...] não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85). Sobre o papel humanizador da literatura, nota-se a contribuição que o conto da escritora mato-grossense pode proporcionar àqueles que tiverem a oportunidade de ler sua obra.

Tendo em vista esse papel humanizador da literatura, Gabriel Perissé (2014), doutor em Filosofia da Educação, em uma de suas publicações faz o seguinte questionamento: Para que serve a literatura? Dentre várias reflexões ao longo do texto, o referido

escritor diz que “a literatura é um prazer interessante e interessado; ela nos torna mais atento as dores e aos odores da vida.” Corroborando com essa ideia de que muitas vezes mudamos o jeito de pensar e de agir, de que podemos enxergar melhor, não só a nós mesmos, mas o outro, o mundo, Antonio Candido em seu texto intitulado “Direito à Literatura” afirma,

Por isso é que em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2011, p. 175).

Nesse sentido, é inevitável admitir o quão importante é o papel da literatura na formação humana do indivíduo. Não só pela diversidade cultural, social e histórica que cada narrativa carrega consigo, mas também pelos inúmeros ensinamentos que uma leitura pode nos proporcionar. Para contribuir com tudo isso, Todorov assevera que a literatura tem um papel fundamental a exercer na vida de cada leitor:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a parte de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir (TODOROV, 2009, p. 76).

O conto *O enigma de Violeta H.* de Tereza Albuês narra a história de uma relação de amizade entre a menina Violeta H. e uma flor. A garota recebeu o nome de Violeta, porque nascera “No preciso instante em que nascia no jardim uma violeta. Na postura e expressão humana. Há de se chamar Violeta os pais disseram ao mesmo tempo.” (ALBUÊS, 2008, p. 55). O tempo passou, e “algo

estranho acontecera; embora um pouco pálida, continuava viva, após mais de dez anos, a violeta.” (ALBUES, 2008, p. 56). Nessa perspectiva, a história se desenrola, revelando que as duas violetas construíram “Uma amizade espontânea. A menina se entendia com a flor mais do que com a própria mãe” (ALBUES, 2008, p. 56).

Alguns fenômenos diferentes aconteceram nesse dia, algo incomum parece ter ligado a menina Violeta e a flor homônima para sempre. Algo tão forte e diferenciado que chamou a atenção dos pais do bebê: “Como numa partitura musical, onde a combinação das notas possui sonoridade harmoniosas, as duas parecem se completar na simbiose de seus princípios vitais. Uma passaria a ser a confirmação, física ou mítica, da existência da outra” (ALBUES, 2008, p. 55). Foi esse cenário, misturando magia e realidade, felicidade e encantamento que configurou o momento sublime do nascimento da filha de Samira e Manoel.

Os mistérios, o elo e a amizade das duas perduraram por muito tempo, pois doze anos se passaram, e nada mudou, a relação só se fortaleceu. E alguns fatos curiosos começaram a causar uma certa surpresa e inquietação no leitor. O primeiro deles é que, após mais de dez anos, a flor continuava viva. O segundo é que a família, por razões que deixadas subtendidas, resolveu manter em segredo tal informação, “Transplantada do canteiro para um vaso de barro branco, colocada no fundo da estante, atrás de grossas enciclopédias [...]” (ALBUES, 2008, p. 56), longe dos olhos dos demais moradores e frequentadores da casa.

Apenas Violeta H. conhecia o esconderijo da planta. E assim, a história vai se desenvolvendo, revelando que a menina e a flor eram amigas, confidentes. “Quantas vezes, enquanto todos dormiam, Violeta H. ia para a biblioteca e ficava horas em colóquio com a amiga.” (ALBUES, 2008, p. 56). É possível perceber, então, que os diálogos ocorridos entre a menina e a flor, contribuíram para a reflexão da personagem principal do conto, podendo ter ajudado a chegar a uma possível solução do impasse, dúvidas e conflitos vivenciados pela garota. Uma vez que, o diálogo com os pais e irmãos de Violeta parecia ser algo raro:

Restrito ao imediatismo de seu mundo pessoal, os irmãos nada percebiam. Os pais, sempre ocupados e preocupados e casados, de nada desconfiavam. Tudo transcorria no ritmo de vida prevista de qualquer família da classe média [...]” (ALBUES, 2008, p. 57).

Muitos jovens de nossa sociedade atual podem passar por essa mesma situação, conviver com incertezas, conflitos e problemas relacionados a sua sexualidade, porém não têm ou não se sentem à vontade de falar com nenhum de seus familiares. Vale ressaltar que a fase da adolescência já é um período de dúvidas, insegurança e descobertas, que se complica ainda mais quando se trata de uma situação delicada ligada a sexualidade, quando as dificuldades aumentam, o caminho parece mais obscuro, afinal a identidade está se formando.

Perante essa questão, convém destacar que nossa personalidade é formada a partir de nossas vivências, visto que tudo contribui para a formação da individualidade. E com o passar do tempo, essa personalidade vai se alterando, posto que ninguém é o mesmo sempre, mudamos de acordo com as experiências passadas no decorrer da vida, porque o ser humano é mutável. Nessa perspectiva, percebe-se o conceito da concepção de identidade definida por Stuart Hall. Segundo o sociólogo, o homem pós-moderno não possui uma identidade única e definida, pelo contrário, a identidade seria construída de acordo com suas experiências, com o as relações feitas ao longo da vida, em diferentes situações e sociedades. Ainda, consoante o estudioso, a identidade desse homem pós-moderno pode ser modificada no decorrer dos anos, totalmente influenciada pelo meio que o cerca:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. (HALL, 2006, p. 13).

Stuart Hall continua afirmando que uma identidade única, imutável e inerte seria uma completa ilusão. Somos fruto das nossas experiências, daquilo que vivemos com diferentes pessoas e sociedades. Entender que somos os mesmos por toda uma vida, seria um erro enorme. Nascemos um, e com o passar do tempo, mudamos, nos transformando de acordo com nossas crenças, cultura ou leituras feitas.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento[...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Outro ponto relevante discutido na obra de Albuês é a sexualidade da protagonista. Falar sobre sexualidade sempre foi um tabu, por séculos esse assunto foi considerado impuro, uma prática pecaminosa, não permitido e aconselhado para pessoas de bem, as que pertenciam às “boas famílias”. Apesar de nos últimos tempos essa temática e suas diferentes vertentes estarem mais presentes nos diálogos entre familiares, ainda se percebe um grande receio em conversar abertamente sobre o tema. Segundo Foucault, desde o século XVIII houve um crescimento do discurso sobre o sexo, nunca se falou tanto sobre o assunto, mas o problema que “é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1988, p. 35).

E quando a discussão vai além da prática do sexo em si, esbarrando na homossexualidade, por exemplo, a situação piora ainda mais. Parece proibido conversar, principalmente, com os pais. Violeta H. não tinha coragem e nem abertura de falar com os irmãos e muitos menos com Manoel e Samira, por receio dos julgamentos, pois

Definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em

que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviços (FOUCAULT, 1988, p. 21).

A ideia discutida por Foucault é percebida no conto analisado. O próprio pai de Violeta se comporta de maneira agressiva quando é comunicado pelo diretor da escola sobre a situação que a menina vinha enfrentando com os colegas de sala. Ele a pressionava, queria obrigá-la a se explicar, sem nenhuma paciência. Diante de tamanha repressão, como a garota poderia se sentir segura em falar com o Manoel sobre um assunto delicado.

Mas então, se você sempre as tratou bem, por que elas se voltaram contra você? Por que não te respeitam?, perguntou o pai, mais ríspido do que a mãe, segurando-a pelo braço. [...] Dizendo isso, deu um murro tão forte na mesa que balançou a estante, três enciclopédias vieram abaixo [...] (ALBUES, 2008, p. 58-59)

Essa postura do pai de Violeta H. não contribui para um diálogo, muito pelo contrário, há uma intimidação por parte dele. Dificultando, assim, a possibilidade de a garota revelar os reais motivos dos conflitos que passava na escola, nem sobre sua genitália ambígua, muito menos as incertezas em relação a sua sexualidade. A imagem do pai representa o poder, a força. Os gritos, o aperto no braço, o murro na mesa, são ações que sugerem o silenciamento como melhor opção, pois, assim como Manoel, outras pessoas da sociedade também poderiam reagir assim. Segundo o filósofo francês, essa proibição e repressão em relação ao sexo são antigas, difíceis de acabar de um dia para o outro:

Dir-me-ão que, se há tanta gente, atualmente, a afirmar essa repressão, é porque ela é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia

não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo (FOUCAULT, 1988, p. 14).

No conto, a menina só se abria com a flor, somente com ela falava sobre sua sexualidade, conflitos e dificuldades enfrentadas. Justamente por não se sentir julgada, ou condenada. Muito pelo contrário, a amiga a aconselhava, como proceder, como se defender e como se impor diante daqueles que a recriminavam pelo seu jeito de ser. Percebe-se, portanto, que a personagem da flor tem um papel fundamental no decorrer da história, ela se posicionava de forma madura, sensata quando aconselhava a garota nos momentos mais difíceis, como na descoberta da sua intersexualidade, por exemplo:

Viviam se olhando e se compreendendo; quantas confidências trocadas, quanto apoio recebido nos momentos de aflição; nos momentos de assombro, quando descobriu o próprio sexo, quando o sentiu diferente, quando percebeu a coisa ambígua, o órgão único em sua dualidade macho-fêmea [...] (ALBUES, 2008, p. 60).

Não parece difícil vislumbrar o desespero de Violeta quando descobriu algo estranho no seu órgão sexual, por ser algo incomum, diferente do que a maioria tem. Junto a essas aporias, ainda tinha o medo dos pais, do que eles poderiam dizer ou achar, somado a isso vinha ainda o enfrentamento com os irmãos, o que todos diriam quando descobrissem o que, possivelmente, nem ela própria sabia explicar. Todos esses medos da menina são justificados, visto que o histórico de sofrimento e julgamento de pessoas que tiveram e passaram pelo mesmo problema que ela, não é fácil de encarar, pois “durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção” (FOUCAULT, 1988, p. 38).

Outrossim, os pais, provavelmente também têm medo do que os filhos terão que enfrentar, afinal de contas é só abrir os jornais e perceber quantas atrocidades são praticadas contra pessoas homossexuais, por simples intolerância e preconceitos de homofóbicos ou de pessoas que se consideram detentores da moral

e da verdade. Os pais, por vezes, preferem fingir não perceber o comportamento diferente dos filhos, os sinais que eles dão ao longo do seu crescimento, como aconteceu com os genitores da protagonista:

A planta e a filha. Eles sabiam ou pelo menos, suspeitavam. Mas preferiram se acomodar no simulacro do faz-de-conta que não passa de imaginação. Pressentiram o inusitado e o acolheram com receio de questionar a origem e a consequência; pressentiram, mas não quiseram ir além do pressentido (ALBUES, 2008, p.63).

Diante de tal situação, parece compreensível a forte ligação entre a menina e a flor. Violeta H. estava sozinha, não tinha ninguém com quem pudesse conversar. Em meio a tantos conflitos, o único apoio era a flor. Era com ela que a menina se entendia, porque se reconhecia nela, e conseqüentemente não tinha receio do julgamento. Parece mais fácil encarar o mundo junto daqueles que nos são iguais: “Tinha vindo ao mundo sob o signo de violeta; a formação de sua personalidade e de certos atributos fisiológicos seguiram o modelo da flor” (ALBUES, 2008, p. 60).

A ambigüidade da genitália da protagonista resulta, conseqüentemente, em uma ambigüidade na identidade. Afinal de contas, há também, em Violeta H. a incerteza em relação a sua sexualidade. Ela foi criada menina, todos a tratam como se fosse uma mulher, tem nome no feminino, mas se veste e se comporta como homem, sugerindo uma homossexualidade, resultando em outra situação complexa de encarar, levando em consideração a sociedade preconceituosa em que vive.

Por séculos os homossexuais sofrem insultos e são vistos como anormais ou com algum problema psicológico. “Na década de 1870, a homossexualidade é concebida como uma categoria conceitual psicológica, psiquiátrica e médica, caracterizada por -sensações sexuais contrárias” (FOUCAULT, 1988, p. 42).

Nota-se, então, que a personagem central do conto vive muitos conflitos, praticamente sozinha, sem qualquer apoio de ninguém, só da flor. Muitas vezes, a garota via a amiga como

modelo de força e determinação, pois ela parecia não ter medo de julgamentos. A relação com a flor demonstrou também, que a menina não era a única com aquela particularidade, que ela não estava só, outras pessoas também possuíam a mesma problemática “passe a mão na minha corola, eu também nasci assim, por que se desesperar?” (ALBUES, 2008, p. 60).

Foi companhia inseparável, quando a menina se sentia sozinha. Foi confidente, ouviu cada relato, sugeriu alternativas de como a menina deveria se comportar. Deu força, apoio para ela superar os seus conflitos internos. Mostrou que o futuro poderia ser bom, se Violeta H. se impusesse diante daqueles que a constriam. Foi conforto, foi calma, quando tudo parecia muito confuso e desanimador.

Guarde as lágrimas, Violeta H., guarde suas energias para usá-las na concepção da criatura feliz que você será um dia. Feliz? Como? Depende unicamente de você; a felicidade é uma conquista pessoal. Mas... E se eles descobrirem? E o que tem isso? Se você se respeitar, eles te respeitarão também [...] (ALBUES, 2008, p. 60).

Retomando a ideia defendida por muitos críticos literários, de que é possível utilizar a literatura para trabalhar questões sociais, percebe-se no trecho descrito acima, uma oportunidade concreta de como o conto pode ser um diálogo com o leitor. Dessa maneira, um leitor que se reconhece em Violeta H., pode se sentir acolhido e aconselhado pelas falas da flor. Pode representar um incentivo, assim como a flor encorajou a menina a enfrentar os seus medos, receios e conflitos, a narrativa de Albués pode fazer o mesmo com o leitor, pode ser uma luz, mostrando que ele não está só no mundo, que outros compartilham do mesmo problema. Acontecendo uma espécie de libertação, de catarse, nos termos de Aristóteles.

Um ponto importante a ser destacado é que, embora o “O enigma de Violeta H.” seja um conto que possa cumprir uma função social interessante, ele também cumpre perfeitamente a função estética esperada de um bom texto literário. A narrativa analisada é uma história contagiante, que envolve e prende a atenção do

leitor do início ao fim, e certamente nos faz querer conhecer um pouco mais não só dos outros contos que compõe o livro “Buquê de Línguas”, mas também saber quem é Tereza Albues e quais são as suas outras obras publicadas.

Referências

ALBUES, Tereza. **Buquê de línguas**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COELHO, Nelly Novaes et al. **Feminino singular**. São Paulo: GRD; Rio Claro (SP): Arquivo Municipal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990. p. 423-484.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso**: século XX. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2001.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional/Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

NADAF, Yasmin Jamil. **Presença de mulher**: ensaios. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

PERISSE, Gabriel. Para que serve a Literatura? **Revista Ensino Superior**, São Paulo, 4 de jul. de 2014. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/para-que-serve-a-literatura/>> Acesso em: 17 de jan. de 2021.

PERSONA, Lucinda, Prefácio. In: ALBUES, Tereza. **Buquê de línguas**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.